



**O LUGAR DA SINTAXE NO JOGO PRODUTIVO DO SEMÂNTICO:
UMA EXPERIMENTAÇÃO TEÓRICA A PARTIR DA LINGUÍSTICA DE
ÉMILE BENVENISTE**

**THE PLACE OF SYNTAX IN THE SEMANTIC PRODUCTIVE GAME:
A THEORETICAL EXPERIMENTATION FROM BENVENISTE'S
LINGUISTICS**

Eduardo Alves Rodrigues¹
Cármem Agustini²

Resumo: Exploramos, neste artigo, as consequências decorrentes da tomada de posição benvenistiana, segundo a qual a significância só é possível em função da relação inalienável entre sintaxe e sentido, o que produz visibilidade ao jogo da linguagem fundado na articulação entre sintagmatização e semantização da língua. Para tanto, produzimos uma releitura da teorização benvenistiana sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas estabelecida pela prática teórico-metodológica da Análise de Discurso, de modo a restituir na arquitetura teórica de Benveniste o lugar decisivo da sintaxe para a compreensão do funcionamento da linguagem na produção dos sentidos. É a partir da análise do plano da sintaxe que Benveniste faz desdobrar o duplo funcionamento da língua: o semiótico e o semântico. Os resultados dessa releitura analítica nos levaram a compreender que o ponto de vista semiológico que determina a teorização benvenistiana sobre a linguagem está marcado metodologicamente por uma entrada na compreensão do uso da língua – por uma regulação dada – pela sintaxe. Foi também a partir desses resultados que pudemos analisar o jogo entre sintaxe e sentido determinando a significância – sentidos e derivações de sentido – no enunciado "*Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você*".

Palavras-chave: sintaxe; sentido; Benveniste.

Abstract: In this article, we explore the consequences arising from taking Benveniste's position, according to which significance is only possible due to the inalienable relationship between syntax and meaning, which produces visibility to the language play set based on the articulation between language syntagmatization and semantization. For that, we produced a reinterpretation of Benveniste's theorization from the perspective of the History of Linguistic Ideas established by the theoretical-methodological practice of Discourse Analysis, in order to restore in Benveniste's theoretical architecture the decisive place of syntax for understanding the functioning of language within production of meaning. It is from the analysis of the syntax plan that Benveniste unfolds the dual functioning of the language: the semiotic functioning and the semantic functioning. The results of this analytical interpretation allowed us to understand that the semiological point of view that determines Benveniste's theorization about language is marked methodologically by an entry in the understanding of the use of language – by a given regulation – through syntax. It was also from these results that we were able to analyze the play set between syntax and meaning, determining significance – meanings and drifts of meaning – in the statement "*Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você*".

Keywords: syntax; meaning; Benveniste.

¹ Supervisor de Curso de Letras e Linguística na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), São Paulo, SP, Brasil eduardoar76@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6818-6647>

² Docente e pesquisadora na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. carmen.agustini@ufu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5504-3911>

Benveniste nous désigne un objet à travailler: la constitution d'une syntaxe non comme programme d'explicitation du langage mais en tant que moyen au service de la signification.

Henri Portine (1997, p. 93)

1. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE SINTAXE E SIGNIFICÂNCIA

Há uma lição de Benveniste que se repete recorrentemente no espaço político-simbólico das ciências da linguagem, embora ainda não tenhamos compreendido o alcance de sua potência quando se pensa a significação como fundamento da linguagem humana: "não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem", afirma Benveniste (2005 [1958], p. 285). E a (re)leitura de sua obra nos permite ainda acrescentar: o homem não fala o mundo – e não fala com outros homens – com palavras. Essa compreensão projeta a palavra à sua realidade relacional com a frase, concebida por Benveniste como a unidade de discurso (BENVENISTE, 2005 [1962], p. 139). Ou seja, projeta a palavra à sua função relativa à frase. Nessa relação, a palavra já se apresenta convertida em discurso, conforme podemos ler abaixo.

As relações são menos fáceis de definir na situação inversa, entre a palavra e a unidade de nível superior. De fato, essa unidade não é uma palavra mais longa ou mais complexa: depende de outra ordem de noções, é uma frase. A frase realiza-se em palavras mas as palavras não são simplesmente os seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significante livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas. (BENVENISTE, 2005 [1962], p. 132)

Ao descrever a relação entre palavra e frase desse modo, Benveniste expõe, mais uma vez, uma das máximas de sua teorização: a significação convoca a sintaxe. Benveniste situa como condição da significância a sintaxe como uma determinação na (re)produção dos sentidos. Assim sendo, a produção da interpretação também se encontra determinada pela sintaxe.

Nessa perspectiva, o fundamento relacional da produção da significação é aquele que liga inalienavelmente sintaxe e significância e que está no centro da teorização benvenistiana. Por isso, a análise da sintaxe – como função relacional que opera na transversalidade nos e pelos níveis linguísticos – ganha centralidade nos procedimentos de compreensão da (re)produção do(s) sentido(s). É essa centralidade dupla e irrevogável que instaura o jogo produtivo do funcionamento da linguagem: sintaxe e significância contraem permanente relação. Esta é a engrenagem da significação. Este é o fundamento da linguagem.

A sintaxe, assim compreendida, não se reduz à pura consecução sintagmática, porque pressupõe o semantismo social, ou seja, o estatuto da língua já como língua-discurso. Trata-se de uma sintaxe que, ao se engendrar e funcionar na instância de discurso, (re)atualiza a relação entre língua e história, forma e sentido. A este respeito, Barbisan e Flores (2009) destacam um pilar fundador da compreensão benvenistiana: "para que uma unidade tenha estatuto linguístico, uma condição é indispensável: o *sentido*" (BARBISAN; FLORES, 2009, p. 14), o que permite, a nosso ver, a seguinte

paráfrase: o estatuto linguístico é assumido por uma unidade quando esta já se encontra convertida em discurso, endereçando, necessariamente, a significância. Para os autores, ainda, essa compreensão de Benveniste marcaria a introdução do sentido em seu método formal – diríamos, nós, material – de análise linguística, o que, nas palavras de Benveniste, escreve-se assim: "forma e sentido só se definem um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua" (BENVENISTE, 2005 [1962], p. 135).

Portanto, é o fundamento relacional que o conceito de semantização da língua compreende. Dito de outro modo pelo próprio Benveniste, "é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione*" (BENVENISTE, 2005 [1964], p. 140), isto é, *nada está na língua sem ter estado antes no discurso*.

Em decorrência, podemos afirmar que a sintaxe convoca, por sua realidade material e histórica, os níveis da língua a se inscreverem na ordem sintagmática, ou seja, a fazerem presença como uma forma que se coloca no lugar de – substitui – outra forma de valor análogo, relacionando, assim, valor negativo com valor negativo, porque uma forma linguística é o que outra forma linguística não é (SAUSSURE, 2006 [1916]). Como consequência de seu valor negativo, podemos ter sempre uma forma linguística no lugar de outra. Já no discurso, as formas linguísticas são enformadas de significação e, por isso, funcionam como palavras. Na acepção semântica, o sentido da palavra é seu emprego na frase-discurso (cf. BENVENISTE, 2006 [1966], p. 231).

Supondo a língua fora do discurso, não seria possível determinar o sentido de uma forma linguística, uma vez que ela estaria em estado de possibilidade/latência significativa. Como discurso, no entanto, a palavra se abre, então, à interpretação. E, por isso, seu sentido depende de suas relações com outras palavras que ela evoca na instância de discurso. A evocação dessas relações pode se dar de maneira explícita ou implícita.

Por exemplo, quando uma palavra por si só efetua uma frase-discurso, as relações evocadas permanecem na ordem do implícito. Isso se realiza quando lemos a placa de "silêncio" fixada nas paredes de um hospital. Apresentam-se implícitas aí as relações entre a palavra "silêncio" e a instituição, os sujeitos ali presentes, assim como os discursos possíveis de ali serem convocados.

O sentido, portanto, não está na palavra ou na frase fora do discurso, mas nas relações discursivas que elas contraem em um emprego específico na instância de discurso. Essas relações discursivas se realizam na e pela sintaxe. Ao lermos a placa, desdobram-se coordenadas referenciais da enunciação: um *eu* (Instituição) dirige-se a um *tu* (leitor da placa) convocando-o a reconstituir um *ele* (silêncio) como uma solicitação cuja forma sintática poderia ser "por favor, faça silêncio (no tempo em que estiver aqui no hospital)".

Ao descrevermos o funcionamento da placa de silêncio, explicitamos a presença material da estrutura sintática implícita (re)atualizando certas relações de sentido, isto é, a interpretação que permite a identificação da placa de silêncio como frase-discurso: "por favor, faça silêncio (no tempo em que estiver aqui no hospital)". Essa interpretação dá a ver, ao mesmo tempo, um dos explícitos sintáticos possíveis para a necessidade da solicitação de silêncio no espaço hospitalar.

Isso nos leva a compreender, com Benveniste, que o sentido da frase não é dado pelo somatório de palavras que a realizam, o que reforça a concepção de sintaxe, não como mera consecução de palavras, mas como uma rede estruturada de relações que (re)produz sentidos possíveis em uma dada instância de discurso. Podemos, assim, compreender que, na perspectiva de Benveniste, a sintaxe se estrutura e se realiza em função da significação, conforme Portine (1997) também nos adverte na epígrafe. Dessa

colocação resulta a compreensão de que "o 'sentido' da frase está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global" (BENVENISTE, 2006 [1966], p. 232) e de que a leitura desse sentido passa necessariamente pela *leitura* da sintaxe.

2. O IMPACTO DA SINTAXE SOBRE O DUPLO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Coquet e Fenoglio (2014), na Introdução ao *Últimas aulas no Collège de France*, afirmam que Nicolas Ruwet atribuiu a Benveniste, já em 1967, o mérito de ter colocado a sintaxe em primeiro plano em relação à produção da significação. Sobre essa questão, os autores dizem que

Benveniste ressalta, com efeito, que "a sintaxe contém o semântico, que dela recebe sua forma necessária" e é também a sintaxe que é "a fonte de toda semântica e – secundariamente – de toda semiótica". O "secundariamente" é, com certeza, capital para Benveniste. O sentido do predicado varia, portanto, com sua construção. O verbo *chercher* não tem o mesmo sentido conforme se diga *je cherche mon chapeau* ou *je cherche à comprendre*. *Chercher* não é *chercher à*. Não é a mesma "palavra". "A língua em funcionamento recria suas unidades." De "língua" passamos a "discurso". Veja-se a palavra *encore*: a unidade procede da repetição frequente de *hanc horam* (e, como observa Benveniste, "a repetição frequente é um fato de funcionamento"), que produziu um "conglomerado *ancora*" e, depois, o francês *encore*. Chegamos ao cerne da operação constitutiva do "sentido", que Benveniste também denominou, em trabalhos anteriores, "sintagmatização". (COQUET; FENOGLIO, 2014 [2012], p. 74-75)

Essas colocações de Coquet e Fenoglio mostram-se afetadas por formulações do próprio Benveniste, inseridas na citação entre aspas. Essas formulações remetem a – e dialogam com – outras que já circulam nos e pelos *Problemas de Linguística Geral*. E reafirmam a sintaxe como cerne do processo de semantização da língua. Precisemos os pormenores dessa relação fundamental para o pensamento benvenistianiano.

Compreendemos que, ao dizer que "a sintaxe contém o semântico, que dela recebe sua forma necessária", Benveniste refere-se ao fato de que falamos não por palavras, mas por frases. Nessa medida, a sintaxe impõe ao discurso a forma-frase, decidindo sobre sua qualidade, ou seja, sobre as relações que atribuem a essa forma um estatuto ou outro, e distinguindo suas funções, ou seja, suas condições de uso e de leitura, e de (re)criação desse uso e dessa leitura. Os modos pelos quais esse funcionamento se realiza são exemplificados com os próprios exemplos destacados na citação.

Em português, na frase "eu busco meu chapéu", a relação entre o verbo "buscar" e o objeto "meu chapéu" é determinada sintaticamente, abrindo e, ao mesmo tempo, sedimentando o sentido de "buscar" como "procurar a localização de algo", no caso, "meu chapéu". Por essa relação sintática, estabelecem-se o estatuto de verbo transitivo direto para o verbo "buscar" e a função de objeto direto para "meu chapéu", por exemplo, já que há outros modos de descrição dessa forma-frase.

Já na frase "eu busco compreender", a relação entre os verbos "buscar" e "compreender", também determinada sintaticamente, abre (por exemplo, em relação ao uso descrito acima, outros sentidos para o verbo "buscar") e, ao mesmo tempo, sedimenta o sentido de "buscar" como "esforçar-se por algo", no caso, "compreender". Nessa medida, essa relação pode ser lida como tendo o estatuto de uma locução verbal, uma vez que se "quer compreender" em detrimento de "não compreender".

Esse jogo de relações que se desdobra na medida em que o plano da sintaxe vai se constituindo no e pelo uso que o falante faz da língua explícita o fundamento da sintaxe no estabelecimento desse duplo movimento relacional na produção de sentidos: "abrir" e

"fechar" a frase à interpretação, ao sentido possível. Por isso, com base em Benveniste, é possível dizer que o sentido da frase pode variar em função do processo de sua construção, isto é, em função do modo como as relações são *(des)encaixadas* sintaticamente. A construção de uma frase refere-se, portanto, ao processo discursivo que a provoca/evoca.

O jogo sintático descrito acima explicita também, como já dissemos na seção anterior, o fato de que o sentido não se encontra na frase, mas nas relações que nela se engendram na e pela instância de discurso que a provoca/evoca. Por isso, a sintaxe contém o semântico, na medida em que lhe impõe uma forma que a expressão do semântico mesmo demanda. E é nessa medida também que secundariamente a sintaxe (re)cria – "fornece" – o semiótico, ou seja, a produção da língua decorre de uma demanda da significação, que é uma demanda por forma para que o sentido se manifeste, se realize, se materialize, se historicize e se (re)atualize. Essa demanda é suprida, necessariamente, pelo funcionamento material das relações sintáticas no agenciamento dessas formas em uma instância de discurso.

É assim que estando na língua, já estamos no discurso. O papel da sintaxe possibilita essa conversão (entre língua e discurso) na medida em que oferece as condições relacionais – de *(des)encaixe* e de *(re)criação* – para que as redes históricas se atualizem no e pelo duplo funcionamento da língua (o semiótico e o semântico). É, portanto, nessa medida, que o funcionamento histórico da língua inscreve o funcionamento da sintaxe, o que permite à língua (re)criar suas unidades – linguísticas e frasais, de forma e de sentido.

Dessa constituição relacional da língua-discurso é que a repetição frequente – tanto da forma quanto do sentido – pode ser compreendida com um fato de funcionamento, pois a repetição inscreve, por sua vez, no funcionamento da língua, o uso (pelo falante) e os deslizamentos decorrentes. Desse modo, a repetição, ao mesmo tempo, promove o deslizamento, o diferente, assim como a falha, a permanência, a cristalização, como movimentos do(s) sentido(s).

O funcionamento da sintaxe encontra esse movimento histórico do(s) sentido(s). Esse encontro pode promover uma *pega* (ALTHUSSER, 2005) ou pode provocar uma *falha* – esta concebida, de nossa perspectiva, como ruptura histórica do sentido com os sentidos. A falha, assim compreendida, se produz sobre, nas e pelas relações de sentido. Em outros termos, dizemos que a falha é efeito do histórico no histórico, já que o sentido é um efeito histórico; e a falha, como efeito de sentido, é uma determinação histórica do fato de que os sentidos estão em relação de concorrência por significar, afetando tanto a semantização quanto a sintagmatização da língua no processo de sua conversão em discurso.

Assim, assumir uma posição significativa no e pelo discurso implica não poder tudo dizer, já que uma posição significativa, por um lado, produz o efeito de expurgo de sentidos política e ideologicamente concorrentes, ou seja, produz o efeito de expurgo de outras interpretações possíveis; e, por outro lado, uma posição significativa remete à abertura do discurso à historicidade, endereçando outros discursos (interpretações) possíveis. Portanto, uma posição significativa que se produz em relação ao duplo funcionamento da língua não esgota o dizer, a significância. Em consequência do exposto, uma posição significativa deve ser concebida a partir do modo como a sintaxe e a significância projetam sentidos possíveis, produzindo um choque do histórico no histórico.

É na conjuntura do duplo funcionamento da língua que o dizer – a significância – também se abre à produção da falha, do inesperado, da ruptura histórica do sentido com os sentidos, o que suspende a evidência segundo a qual tudo poderia ser dito. É assim que, nessa conjuntura, torna-se possível descrever usos da língua materializados em

enunciados como "era pra dizer x e disse y" ou "era pra dizer x, e não o disse". Ou, ainda, frases como "*Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*", que são, como vimos, unidades de discurso.

Essa última frase aconteceu no seguinte diálogo³:

Homem: Não vai falar com seu chefe, não?

Mulher dele: A gente paga você, filho. O seu salário sai do meu bolso.

Homem: Cadê sua trena? Quero saber como você mediu as pessoas [sem trena].

Fiscal: Tá, cidadão.

Mulher dele: *Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*

Na frase "*Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*", a palavra "cidadão" assume uma relação de concorrência por significar com as palavras "engenheiro", "civil", "formado", e com a expressão "melhor do que você", assim como com outra unidade de discurso ali passível de ser reconhecida: "*Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*". Essa relação de concorrência *tira* de "engenheiro" o sentido de "cidadão". Uma relação que indicia um processo de divisão de sentidos, segundo o qual "engenheiro" é significado como – assume um valor semântico de – "superior" a cidadão. Esse sentido de superioridade é atualizado na significância de uma gradação linguisticamente formulada a partir do processo de adjetivação que as palavras "civil", "formado" e a expressão "melhor do que você" contraem: efeito histórico no histórico, que faz (re)atualizar um processo de divisão de sentidos. Esse efeito de divisão indicia uma das facetas da luta de classes e, ao mesmo tempo, produz um sentido inesperado que pode ser lido como uma interpretação "absurda" e que ganha visibilidade na e pela seguinte frase: *engenheiro não é cidadão*⁴.

Dessa maneira, podemos dizer que essa evidência de divisão (re)inscreve-se no duplo funcionamento da língua como forma e como sentido. Esse gesto analítico torna próxima a posição de Benveniste (2006 [1968]), segundo a qual a língua é tomada como meio de análise da sociedade. Isso implica, segundo Benveniste, tomar "língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado" (BENVENISTE, 2006 [1968], p. 97). E, assim, formular que: "em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade. [...] Consideremos portanto que a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua" (BENVENISTE, 2006 [1968], p. 97-98). Essa é uma relação semiológica entre língua e sociedade porque a sociedade ganha sentido no cotidiano da vida social através das práticas discursivas que movimentam o duplo funcionamento da língua. E é nesse movimento que sintaxe e significância *se encontram e se pegam materialmente* (ALTHUSSER, 2005).

Essa *pega material* se dá na e pela história e se (re)atualiza na e pela unidade de sintagmatização – e de leitura –, que, para Benveniste, é a frase-discurso, assim definida:

³ Transcrição de um diálogo filmado entre um casal e um fiscal da Vigilância Sanitária que participava de uma blitz em bares do Rio de Janeiro, na noite de sábado de 04 de julho de 2020, para verificar o cumprimento de medidas de prevenção ao coronavírus por parte dos estabelecimentos e dos clientes. Conferir reportagens disponíveis em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/cidadao-nao-engenheiro_br; <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia> e <https://br.noticias.yahoo.com/cidadao-nao-engenheiro-civil-formado-melhor-do-que-voce>.

⁴ Esse gesto analítico a partir de uma experimentação teórica sobre a relação entre sintaxe e significância nos aproxima da compreensão de que essa divisão de sentidos resulta do processo político no qual o efeito ideológico (ALTHUSSER, 1980 [1970]; PÊCHEUX, 1995 [1975]) de evidência da luta de classes é produzido. É este efeito ideológico que produz também o "absurdo" – *engenheiro não é cidadão* – como aceitável.

"a frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento da comunicação, cuja expressão é o discurso" (BENVENISTE, 2005 [1962], p. 139; negrito nosso). Sendo assim, é na e pela frase que *sentido chama sentido*, oportunizando tanto permanência quanto deslocamento de sentidos, o que sustenta a vida da linguagem em ação no seio da vida social.

Em relação à frase em análise – *Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.* –, podemos compreender que ela põe em movimento uma interpretação para a sociedade capitalista, como é a sociedade brasileira, significando-a a partir da divisão em classes, (re)atualizando, portanto, o sentido de sociedade de classes em permanente disputa/luta. Essa luta é realizada no âmbito da concorrência por poder dizer/viver. Assim, a frase em análise, como testemunho da identidade da sociedade, ao (re)atualizar a luta de classes que a ordena, pode ser compreendida como paráfrase de uma frase frequente na sociedade capitalista: *você sabe com quem está falando?* Isso explicita uma repetição frequente que se converte em fato de funcionamento, ou seja, um dizer histórico como interpretante do funcionamento da divisão social em classes. É por esse mecanismo que a relação inalienável entre sintagmatização e semantização se marca como base da (re)produção dos sentidos. Em outras palavras, o exercício da linguagem testemunha a identidade do sujeito, o que autoriza afirmar, em decorrência, que testemunha também a identidade da sociedade.

Sendo assim, o exercício da linguagem na e pela frase *você sabe com quem está falando?* testemunha a projeção da identidade do locutor no quadro figurativo de uma hierarquia, na qual o outro (o *tu*) é colocado num lugar específico, o de subordinado ao *eu-locutor*, isto é, o de ser situado em uma classe inferiorizada, cuja função seria "servir" a classe na qual o *eu-locutor* se situa por sua enunciação. Essa projeção é, portanto, mediada no e pelo jogo interlocutivo que instaura os processos de sintagmatização e semantização da língua como constitutivos da (re)produção da relação entre forma e sentido, entre sintaxe e significância.

É por meio da leitura desse jogo, que podemos compreender por que a língua é o interpretante da sociedade: porque, ao testemunhar a identidade da sociedade no seio da vida social, ela significa como se estrutura e como funciona a sociedade, dando visibilidade ao modo como as práticas sociais e sua divisão desigual se inscrevem na história. Nessa condição em que a língua funciona como interpretante da sociedade, o impacto da sintaxe sobre o duplo funcionamento da língua é o de fornecer condições de estabilidade ao próprio fundamento da língua que é o de significar (BENVENISTE, 2006, 2005). Aí a sintaxe e a significância se encontram e se pegam materialmente, colocando os limites do enunciável para o sujeito-falante. É dessa maneira que esse encontro/essa pega (re)produz certas condições de estabilidade semântica aos discursos.

3. SINTAXE E ENUNCIÇÃO

A separação entre sintaxe e discurso é uma questão presente na linguística contemporânea. Benveniste opõe-se a essa separação. Do ponto de vista de Benveniste, a sintaxe está a serviço da significação. Constitui-se, assim, entre sintaxe e discurso uma relação inalienável. É por isso que Benveniste pode dizer que "a sintaxe contém o semântico, que dela recebe sua forma necessária" (COQUET; FENOGLIO, 2014, p. 74). O sentido requer, por conseguinte, forma para se manifestar materialmente. No entanto, a relação entre forma e sentido não é uma relação um a um; é uma relação aberta, já que

o sentido é (re)produzido em relação à instância de discurso que o provoca/evoca. Dessa relação, assim constituída, decorre o fato de o sentido ser relacional, o que abre a possibilidade de ele poder ser outro.

Essa compreensão da relação entre forma e sentido é forjada relativamente ao modo como Benveniste teoriza a relação entre sujeito e língua-discurso na enunciação. Para o autor, é na e pela enunciação que a língua se converte em discurso e o locutor em sujeito (BENVENISTE, 2006, 2005), ou seja, que a significância latente se sintagmatiza. O semântico, portanto, decorre do processo de (re)produção e enunciação – ato de apropriação da língua que a torna apta a um uso específico – das frases (estas que, como vimos, funcionam como unidades de discurso). Assim, o sentido em latência exerce uma sua forma possível na sintaxe, e, na e pela sintaxe, como forma, o sentido atinge historicamente o interlocutor (é um homem falando para outro homem que encontramos no seio da vida social).

A relação entre sintaxe e significância assim compreendida refuta a tese segundo a qual a origem do sentido estaria no sujeito, de que o sentido seria individual. E propõe, ao contrário, que o sentido é social e histórico, o que o caracteriza como (com)partilhável. Isso permite compreender como a relação entre sintaxe e significância implica a produção da enunciação: o ato de produzir o enunciado é individual, mas o sentido que nele pode (re)atualizar-se é social, com efeito sobre o testemunho da identidade do sujeito e da sociedade. Daí Benveniste afirmar, reiteradamente e de diferentes modos, que o próprio da linguagem é significar (e "significar" para Benveniste, "é ter um sentido, nada mais" (BENVENISTE, 2006 [1966], p. 227)). Como a linguagem se realiza na e por meio da língua e das línguas, podemos estender, como o próprio Benveniste o faz, essa propriedade à língua.

Sobre essas questões, vejamos algumas formulações do próprio Benveniste nas *Últimas aulas no Collège de France*.

A esse sistema [o semiótico] se opõe na língua um outro sistema (seria mesmo um sistema?), este do querer-dizer que está ligado à *produção* e à enunciação das frases, o semântico.

Percebemos, portanto, uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas:

- o mundo das formas de oposição e de distinção, o semiótico [...];

- o outro mundo é o do *sentido produzido* pela enunciação: o *semântico*. [...]

Digamos, de saída, que um enunciado apenas tem sentido em uma situação determinada, à qual se refere. Ele apenas adquire sentido em relação à situação, mas, ao mesmo tempo, configura essa situação. [...] Na realidade, o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de *transformações*) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão.

O estudo de conjunto seria a semiologia. (BENVENISTE, 2014, p. 191-194)

O problema do sentido leva Benveniste a conceber a língua como uma relação entre dois mundos: o mundo das formas de oposição e distinção e o mundo do sentido produzido na e pela enunciação, já que, antes da enunciação, a língua é possibilidade e, com a enunciação, entramos no mundo do uso da língua, da instância de discurso que o provoca/evoca (*cf.* BENVENISTE, 2006 [1970], p. 83-84), no mundo do colocar a língua em sintagmatização e em semantização recíprocas. É nesse movimento que Benveniste concebe a língua como uma paisagem que se move: como lugar de transformações, tanto da forma quanto do sentido. Uma vez que haja transformações na sintagmatização, haverá transformações na semantização da língua, e vice-versa.

Nessa direção, quando Benveniste afirma que "o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão", compreendemos que ele se opõe à perspectiva da composicionalidade do sentido visto que "procurar o modo

de significar próprio" implica evocar relações de sentido relativas à instância de discurso e seu semantismo historicizado, de tal modo que o sentido não é localizado na palavra, mas nas relações que ela contrai no processo de sua conversão em discurso. Logo, para "cada um dos elementos em questão" na produção do sentido, implica considerar os usos da língua nos quais esses elementos (forma-e-sentido) já produziram/provocaram funcionamentos. Portanto, considera-se aí a historicidade que inscreve(u) tais elementos, como essa historicidade se atualiza no e pelo agenciamento do semiótico, das relações sintagmáticas. Nas palavras do próprio Benveniste, essas transformações, que refazem a própria língua, constituem o que ele descreve como sendo

[...] o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. Muito bem! tudo isso é o domínio do "sentido". [...] de fato há dois domínios ou duas modalidades de sentido, que distingo respectivamente como semiótico e semântico. O signo saussuriano é na verdade a unidade semiótica, quer dizer, a unidade dotada de sentido. É reconhecido o que tem sentido [...]. Mas importa pouco que se saiba qual é este sentido e não se está preocupado com isso. O nível semiótico é isto: ser reconhecido como tendo ou não um sentido. Isto se define por sim, não. [...] A semântica é o "sentido" resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo. Enquanto que o semiótico é o sentido fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo. (BENVENISTE, 2006 [1968], p. 21)

Podemos (re)ler esse jogo de transformações que indicia o movimento constitutivo da relação entre sintagmatização e semantização, ao retomarmos o enunciado *Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*, e expô-lo à ressonância histórica do(s) sentido(s), que fica marcada, por exemplo, nas seguintes paráfrases.

- (a) *Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*
- (b) *Cidadão não, gado!*
- (c) *Uma escola tem como missão, como projeto de ensino, formar cidadãos; e não criar gado.*⁵

O enunciado (b) é produzido como transformação do enunciado (a), configurando-se como uma espécie de paródia – e/ou, na conjuntura das tecnologias das redes sociais online, um meme. Trata-se de um enunciado que circula compondo postagens em diferentes perfis nas redes sociais (Twitter, Instagram etc.), como este reproduzido na figura 1⁶, do perfil @memecrata do Twitter, publicado em 6 de julho de 2020. O enunciado (c), por sua vez, foi dito pelo ator Gregório Duvivier, em uma entrevista concedida a Paulo Henrique Silva do Jornal Hoje em Dia (online), em 10 de outubro de 2019.

A estrutura é aparentemente a mesma entre (a) e (b), mas o processo de sintagmatização e de semantização é outro. As transformações – "engenheiro, civil, formado [...]" para "gado" – na sintagmatização levam a transformações na semantização e vice-versa, uma vez que as relações de sentido evocadas se transformam, ou seja, se diferenciam, se modificam, se excluem, se distorcem, se deslocam. Essas transformações, embora evoquem outros sentidos, mantêm relação entre eles, ou seja, uma ressonância interdiscursiva (SERRANI, 1997) que oportuniza o jogo opositivo: *x não, y*.

⁵ Disponível em <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque>. Acesso em set. 2020.

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/memecrata/status/1280089731188043776/photo/1>. Acesso em set. 2020.



Figura 1. Tuíte que reproduz a frase "Cidadão não, gado!".



Figura 2. Imagem que é transformada no meme da fig. 1.

Em (b), diferentemente de (a), (re)atualiza-se uma relação hierárquica estabelecida entre "cidadão" e "gado" que se orienta argumentativamente, ou seja, faz significar uma degradação da categoria de homem, animal racional, para gado, animal irracional. Assim, a cabeça de gado sobreposta às cabeças daqueles significados como não-cidadãos, conforme podemos ler quando remetemos a figura 1 à figura 2⁷, mas significados como "engenheiro" e "mulher de engenheiro" em (a), desloca os sentidos, autorizando a (re)leitura: "engenheiro, não. Gado!" como paráfrase de "cidadão, não. Gado!". É assim que os elementos em questão – os constituintes das frases (a) e (b) – buscam seu modo de significar próprio nas relações de sentido que tornam possível a sintagmatização. É assim que sentido evoca forma e que forma evoca sentido.

Essa sintagmatização (re)atualiza uma semantização da sociedade brasileira, ao evocar a cena política atual que (re)produz a rivalidade entre os apoiadores do governo e seus opositores. Nessa cena política, os apoiadores do governo vêm sendo metaforizados/significados, pelos opositores, como "gado", fazendo alusão a uma interpretação segundo a qual os apoiadores do governo o apoiam e o obedecem cegamente, demonstrando incapacidade de raciocínio, ou seja, de ler e avaliar criticamente as suas ações.

Em (c), esse jogo opositivo encontra-se invertido; é possível interpretá-lo a partir de outro rearranjo sintagmático, qual seja: "criar gado, não! Formar cidadãos!". Os elementos em oposição evocam sentidos em disputa por significar: (1) a escola tem como missão formar cidadãos ou (2) a escola tem como missão criar gado? O enunciado testemunha a identificação do sujeito à (1) em detrimento de (2). No entanto, está posto, no quadro figurativo da enunciação, os sentidos evocáveis por e em (2), como sentidos que tocam (n)o sujeito. O enunciado em (c) reconhece essa disputa e, por conseguinte, reconhece e legitima a disputa dos sentidos por significar, por colocar-se em relação de dominância, por impor-se a.

Os sentidos da luta de classes que estavam evidenciados em (a) – engenheiro x cidadão –, em (c), são ressignificados/deslocados, de modo a marcar uma posição política assumida que se apresenta como a favor de a escola ter como missão formar cidadãos (e desfavorável à missão de "criar gado"). Essa posição assumida significa/projeta o locutor

⁷ Imagem extraída da vídeo-reportagem exibida pelo programa Fantástico (Rede Globo), em 05 de julho de 2020. Esta vídeo-reportagem está disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/07/05/>. Acesso em set. 2020.

do enunciado como sujeito opositor ao governo, o que projeta/"rebaixa" seu alocutário à posição de apoiador, logo, "gado". Nesse diálogo constitutivo do uso da língua, em que a enunciação é pressuposta, o jogo entre locutor e alocutário (re)atualiza sentidos que constroem, como efeito, a evidência de uma separação binária da sociedade, fazendo funcionar a lógica/retórica disjuntiva: ou se é cidadão, ou se é gado (ou se é cidadão, ou se é engenheiro; ou se é opositor, ou se é apoiador).

Ser contra a missão de a escola resumir-se a "criar gado" projeta para o sujeito a evidência segundo a qual "isso é", ou seja, "isso é uma posição opositora" ou "a missão da escola é formar cidadãos", fazendo funcionar uma relação condicional subjacente, qual seja, *se x, então y*. Isso nos permite ler em (c) as seguintes relações: se "contra (a missão de criar gado)", então "opositor (ao governo)"; e, analogamente, se "a favor (da missão de criar gado)", então "apoiador (do governo)".

Esse jogo que se engendra na indissociabilidade entre sintaxe e significância é descrito teoricamente por Benveniste, segundo Kristeva (2014 [2012], p. 34), em seu projeto de "determinar como significar se engendra no aparelho formal da linguagem". A autora compreende que a questão metafísica *o que é significar?* "leva Benveniste à busca de uma solução 'material', no próprio funcionamento da linguagem: 'isso significa' é, para ele, sinônimo de 'isso fala' [...]" (p. 34-35). E ela ainda acrescenta: "é nas 'propriedades' da própria linguagem que ele prospecta e analisa as possibilidades de fazer sentido, específicas deste 'organismo significante' que é a humanidade falante" (KRISTEVA, 2014 [2012], p. 35).

Com efeito, o "isso fala" ("isso significa", "isso faz sentido"), que se (re)produz nos enunciados (a), (b) e (c), determina o "isso é", fórmula sintética descritora da realidade social, fórmula que descreve a realidade em um quadro figurativo que é nomeado por Pêcheux (1995) como um mundo que se apresenta imaginariamente como semanticamente normal/estável. A criação desse mundo semântico decorre, nas palavras de Benveniste, do poder fundador da linguagem, que determina mutuamente indivíduo e sociedade ao determinar a própria condição humana e sua injunção a simbolizar.

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. É por isso que tantas mitologias, tendo de explicar que no início dos tempos alguma coisa pôde nascer do nada, propuseram como princípio criador do mundo essa essência imaterial e soberana, a Palavra. Não existe realmente poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção, pensemos bem nisso, decorrem desse. A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.

Qual é então a fonte desse poder misterioso que reside na língua? Por que o indivíduo e a sociedade, juntos e por igual necessidade, se fundam na língua?

Porque a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*. (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 27)

Com base no exposto, compreendemos que, segundo a perspectiva benvenistiana, é o uso da língua que determina a distribuição desigual da realidade social. Como vimos na análise dos enunciados (a), (b) e (c), o "isso fala" (re)produz o "isso é", organizando o mundo/a realidade social em consonância com o modo como são distribuídas as posições subjetivas – significativas – que os sentidos assumidos projetam no e pelo uso da língua. Nas palavras de Benveniste, "organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a

normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência" (BENVENISTE, 2006 [1966], p. 229).

4. A SINTAXE A SERVIÇO DA SIGNIFICÂNCIA

Como posto por Portine (1997), também nós consideramos que a sintaxe, em Benveniste, está a serviço da significância. Ao assumir a sintaxe como condição indispensável à análise linguística (BENVENISTE, 2005[1962], p. 131), Benveniste dá visibilidade à relação indissociável entre sintaxe e significância, expondo como o jogo no nível da significância – em que *sentido chama sentido* – é engendrado no próprio aparelho formal da língua, ou seja, no e pelo funcionamento da linguagem. Esse engendramento se dá necessariamente na e pela ordem da língua tal como a sintaxe lhe possibilita esta ou aquela sintagmatização, a partir da qual a instância de discurso se projeta e projeta os efeitos que nela se (re)atualizam. Essas considerações justificam reconhecermos, também, com Gadet (2011 [1991], p. 102), que "a sintaxe é a base da criatividade histórica".

Ao servir à significância, a sintaxe dispõe ao outro (alocutário) as condições materiais linguísticas – a língua em sua ordem histórica, a historicidade de seus usos possíveis – que lhe possibilitam apropriar-se da própria língua e, assim, (re)vivê-la, (re)atualizá-la, no processo de conversão da língua em discurso. Ao admitirmos essa ordem de relação entre sintaxe e significância, entre língua e discurso, entre forma e sentido, compreendemos por que Benveniste rechaça a ideia de que a língua possa ser tomada apenas como instrumento de comunicação, mas, sobretudo, como instrumento da conversão da linguagem em discurso. Portine (1997, p. 93), a esse respeito, diz que "a língua não é um instrumento como um martelo que prolonga o braço e aumenta, no momento de uso, a força. Língua e sintaxe são inerentes à atividade do ser humano, elas constituem um instrumento de exploração do universo tal como os olhos"⁸.

Com base nessa metáfora de Portine (1997), podemos vislumbrar uma lição sobre como a língua funda o indivíduo e a sociedade: pelos olhos, o homem vê, e, por meio da língua e da sintaxe, inerentes à atividade humana, o homem simboliza o que vê. Para o homem exercitar esse poder fundador da linguagem, que é o poder de simbolizar, é preciso relacionar o que vê com aquilo que não vê, relacionar o que se apresenta simbolizado com aquilo que ainda não está simbolizado. É nessa medida que língua e sintaxe, uma (re)fazendo/(re)criando a outra – ao modo de uma paisagem que se move continuamente –, constituem indissociavelmente instâncias do processo de sintagmatização-semantização, permitindo que o homem (re)crie para além daquilo que vê. Ele, por sua vez, (re)cria assim as paisagens que en-formam sua realidade social e histórica. Sobre essa questão, Benveniste, ao abordar o funcionamento do tempo linguístico, explica que

se narro o que "me aconteceu", o passado ao qual me refiro não é definido senão em relação ao presente de meu ato de fala, mas como o ato de fala parte de mim e ninguém pode falar por minha boca, da mesma forma que não pode ver por meus olhos ou experimentar o que eu sinto, é unicamente a mim que este "tempo" se relaciona e é unicamente à minha experiência que ele se restringe. Mas este argumento é falso. Algo singular, muito simples e infinitamente importante se produz realizando algo que parecia logicamente impossível: a temporalidade, que é minha quando

⁸ Tradução sob nossa responsabilidade de: "la langue n'est pas un instrument au même titre qu'un marteau qui prolonge le bras et accroît le *moment* de la force. Langue et syntaxe sont inhérentes à l'activité de l'être humain, elles forment un instrument d'exploration de l'univers au même titre que les yeux" (PORTINE, 1997, p. 93).

ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu "hoje" se converte em seu "hoje", ainda que ele não o tenha instaurado em seu próprio discurso, e meu "ontem" em seu "ontem". (BENVENISTE, 2006 [1965], p. 77-78)

Nesses termos, podemos inferir que a linguagem dá ao locutor a possibilidade de ele significar ao outro algo de sua realidade social e histórica, tal é o poder simbólico da linguagem. Essa sua propriedade é a mesma que instaura, por contraste, o jogo entre locutor e alocutário, que se desdobra na instância de discurso em posições significativas, para as quais a temporalidade assume sua realidade como linguagem/sentido. Isso só é possível porque o sentido é social e histórico, e, dado essa sua propriedade, ao tomar a palavra para significar, o locutor se endereça necessariamente a outro. É isto que Benveniste defende ao tomar a significação como ponto de vista para a compreensão do funcionamento da linguagem: é na e pela linguagem que o homem pode falar a outro homem, falar do/no mundo para outro homem.

Em decorrência dessa compreensão, podemos dizer que

a sintaxe não é o lugar do engendramento: ela participa da construção do discurso. [...] É o discurso que, de certa forma, chama os quadros sintáticos que, por sua vez, configuram o discurso. Eles apenas fornecem um dado primeiro para o locutor que os encontra já lá. Não surgem de um mecanismo de engendramento, mas de formas disponíveis à produção de significações e constituídas na e pela própria produção de significações.⁹ (PORTINE, 1997, p. 93-94)

Com base em Portine, nas citações acima, podemos dizer que o sentido, social e histórico, na perspectiva de Benveniste, assume prevalência em relação ao processo histórico de (re)produção dos discursos, da significância. Daí Benveniste assumir a posição de que o fundamento da linguagem humana é significar. Nessa perspectiva, o sentido é por ele concebido como parâmetro do estatuto linguístico das formas significantes, já que todas as operações linguísticas supõem o sentido como condição (BENVENISTE, 2005 [1962], p. 130). Para Benveniste, a língua não poderia funcionar de outra maneira. Em decorrência disso, o sentido é concebido como parâmetro, também, do método de análise dos níveis linguísticos. Trata-se de um método material porque se baseia no próprio funcionamento da linguagem.

Sobre o método de análise benvenistiano, Normand (2009) apresenta a seguinte descrição:

[...] a análise do semântico (análise desta ou daquela unidade de discurso) associa uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação cada vez particular da enunciação (tal sujeito, tal tempo, tal referente, tal interação, cujas marcas fazem parte da descrição semiótica); assim como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido. A distinção *semiótico/semântico*, portanto, somente levaria a lembrar da necessidade de considerar aquele que fala (o sujeito) e, por consequência, de não pretender dizer o todo do sentido do que ele enuncia, que nenhuma análise pode encerrar. Como consequência, Benveniste descarta implicitamente todo projeto de semântico isolável como tal da análise das formas (do semiótico), mas ele parece descartar também toda generalização, em qualquer grau modelizável. (NORMAND, 2009, p. 182)

Normand, a nosso ver, aponta algo importante em relação ao alcance do método de análise do semântico em Benveniste: um método de interpretação do semântico que se

⁹ Tradução sob nossa responsabilidade de: "la syntaxe n'est pas lieu d'engendrement: elle participe de la construction du discours. [...] C'est le discours qui en quelque sorte appelle les cadres syntaxiques qui configureront en retour le discours. Ils ne forment un donné premier que pour le locuteur qui les trouve déjà là. Ils ne relèvent pas d'un mécanisme d'engendrement mais de formes à la disposition de la production de significations et constituées dans et par la production de significations elle-même" (PORTINE, 1997, p. 93-94).

atualiza a partir de marcas semióticas, logo, um método que reconhece o semântico comportando o semiótico em uma relação indissociável. Nessa medida, lemos a distinção entre semiótico e semântico, em Benveniste, como uma distinção com função explicativa do caráter indissociável entre semiótico e semântico próprio ao funcionamento da língua-discurso.

Uma decorrência importante dessa perspectiva é reconhecer também que a análise dos níveis linguísticos proposta por Benveniste impõe a impossibilidade de "dizer tudo sobre o sentido". Isso expõe não apenas o caráter incompleto do sentido, como também o caráter incompleto do dizer/da enunciação, logo, do próprio sujeito que ela pressupõe, e do próprio testemunho da identidade do sujeito e da sociedade que ela medeia. Daí se tratar a língua-discurso de uma paisagem que se move. E move-se porque incompleta. Essa perspectiva desautoriza o projeto de interpretação linguística que visa à generalização de leis, regras, usos, funções etc. Tal se dá também porque o ponto de vista da significação impõe a Benveniste a relação como fundamento de análise do semântico.

Diferente do que aventa Normand, na citação acima, ao dizer que "a distinção *semiótico/semântico* somente levaria a lembrar da necessidade de considerar aquele que fala (o sujeito)", em nossa (re)leitura do projeto teórico benvenistiano, essa relação é condição material fundante da análise do semântico. É preciso colocar em relação as coordenadas referenciais da enunciação – eu, tu, ele, aqui, agora – no processo de interpretação do semântico, uma vez que, na teorização benvenistiana, elas são constitutivas do discurso. É justamente sobre essa relação que um enunciado é alçado à condição de discurso.

É justamente sobre a relação semiótico-semântico que a teorização benvenistiana formaliza a produção de um método analítico que instrumentaliza a leitura dos processos de (re)produção de discursos. Essa lição, a nosso ver, dá consequências a um fato de funcionamento que se repete sem cessar: a presença do homem no mundo é determinada pela injunção a significar. Depreendemos dessa lição a relação indissociável entre forma e sentido, entre sintaxe e significância, como ficou demonstrado na análise do enunciado "*Cidadão, não. Engenheiro, civil, formado. Melhor do que você.*"

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. Trad. Bras. *Revista Crítica Marxista*, nº 20, Editora Revan, p. 9-48, 2005. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/althusser/1982/mes/corrente.pdf>. Acesso ago 2020.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3ª ed. Trad. Port. Lisboa: Presença; Martins Fontes, 1980 [1970].
- BARBISAN, Leci B.; FLORES, Valdir do N. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística [texto de introdução]. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. Trad. Bras. São Paulo: Contexto, 2009.
- BENVENISTE, E. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Trad. Bras. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [2012].
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 2. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2006 [1970]. p. 81-90.
- BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 2. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2006 [1968]. p. 93-104.
- BENVENISTE, E. Estruturalismo e linguística. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 2. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2006 [1968]. p. 11-28.
- BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 2. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2006 [1966]. p. 220-242.
- BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 2. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2006 [1965]. p. 68-90.

- BENVENISTE, E. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 1. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2005 [1963]. p. 19-33.
- BENVENISTE, E. Os níveis da análise linguística. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 1. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2005 [1962]. p. 127-140.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral*, vol. 1. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2005 [1958]. p. 284-293.
- COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. In: BENVENISTE, E. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Trad. Bras. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [2012]. p. 67-86.
- DUDUVIER, Gregório; SILVA, Paulo Henrique. "Escola tem de formar cidadão, não é criar gado", diz Duvivier após polêmica em prova do Loyola. Hoje em Dia [Almanaque, Entrevista, online], Belo Horizonte, Ediminas S/A, 10 de out. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/escola-tem-de-formar-cidadão>. Acesso em set. 2020.
- GADET, Françoise. A língua inatingível [Entrevista com a participação de Michel Pêcheux]. In: ORLANDI, Eni P. (Sel. e Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2011 [1991]. p. 93-105.
- KRISTEVA, Julia. Prefácio: Émile Benveniste, um linguista que não diz nem oculta, mas significa. In: BENVENISTE, E. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Trad. Bras. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [2012]. p. 29-66.
- NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. Trad. Bras. São Paulo: Contexto, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Bras. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].
- PORTINE, Henri. Benveniste et la question de la fondation d'une syntaxe. *Linx* [Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre, édition spéciale: Émile Benveniste. Vingt ans après], 9, 81-94, 1997. Disponível em <http://journals.openedition.org/linx/10021997>. Acesso set. 2020.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Recebido: 19/1/2021

Aceito: 14/5/2021

Publicado: 19/5/2021